

O ambiente na primeira infância: um estudo sobre práticas voltadas à promoção do desenvolvimento infantil

The environment in early childhood: a study on practices aimed at promoting child development

SOUZA, Mylena Rodrigues; Bacharel; Universidade do Estado de Minas Gerais

mylena.rodrigues.design@gmail.com

PESSÔA, Sâmela Suélen Martins Viana; Mestre; Universidade do Estado de Minas Gerais

samela.viana@uemg.br

Este estudo se orienta a compreender as ambiências do desenvolvimento infantil e a influência do ambiente nesse processo. Para isso, elege-se como temática central a casa, por sua relevância e permanência da criança durante a primeira infância, bem como, reflexões sobre o lar, sobretudo, no contexto atual da pandemia da COVID19. Com o intuito de complementar a leitura acerca das ambiências, foram incorporadas ao estudo as temáticas do Design Emocional e Design Sensorial, afim de ampliar a identificação de aspectos presentes na construção de ambientes favoráveis ao desenvolvimento infantil. Como metodologia de pesquisa, o estudo constitui-se de uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e que utilizou referências bibliográficas para embasamento do trabalho. A partir da fundamentação teórica foram selecionados atributos sínteses, que posteriormente foram ilustrados em painéis semânticos. Tal procedimento possibilitou tangibilizar, de maneira visual, elementos de composição e arranjo de ambientes que estimulam o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Design de Ambientes; Ambiência; Desenvolvimento Infantil; Casa.

This study is aimed at understanding the ambiences of child development and the influence of the environment in this process. For this, the home is elected as the central theme, due to its relevance and permanence of the child during early childhood, as well as reflections on the home, especially in the current context of the COVID19 pandemic. In order to complement the reading about the ambiences, the themes of Emotional Design and Sensory Design were incorporated into the study in order to expand the identification of aspects present in the construction of environments favorable to child development. As a research methodology, the study consists of a qualitative approach of an exploratory nature and which used bibliographic references to support the work. From the theoretical foundation, synthesical attributes were selected, which were later illustrated in semantic panels. This procedure made it possible to tangibilize, in a visual way, elements of composition and arrangement of environments that stimulate child development.

Keywords: Environment Design; Ambience; Child Development; Home.

1 Introdução

Os primeiros anos da criança são como alicerces de uma casa. É necessária uma boa fundação para se construir um desenvolvimento saudável ao longo dos anos. O Marco Legal da Primeira Infância, Lei de 2016, garante os direitos relacionados a essa etapa da vida e define que a primeira infância compreende o período de 0 a 6 anos (BRASIL, Lei nº 13.257). Esses primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento, pois são neles que as crianças desenvolvem aspectos: físicos, intelectuais e emocionais. Com um desenvolvimento saudável durante esses primeiros anos, a criança possui uma maior facilidade de adaptação e aprendizagem ao longo da vida.

A pesquisa a seguir se organiza da seguinte maneira: traça-se uma contextualização sobre as ambiências e os significados que o espaço pode proporcionar, além dos agentes presentes na construção do desenvolvimento infantil. A partir disso, é necessário perceber a importância do ambiente e como ele influencia o aprendizado, as emoções e a qualidade de vida, bem como os mecanismos de apropriação e pertencimento proporcionados à criança. Visto isso, aborda-se o atual cenário do COVID-19, que influenciou diretamente o modo de vida das pessoas.

Nesse sentido, acredita-se que o designer pode atuar diretamente nesse meio ao compreender qual o papel da casa na construção de ambiências que favoreçam o desenvolvimento infantil. Busca-se, assim, por caminhos e processos viáveis para incentivar o desenvolvimento da criança. Para isso, as temáticas do design emocional e o design sensorial auxiliam na compreensão dos fatores que compõem as ambiências do desenvolvimento.

No que tange ao desenho metodológico, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa de natureza exploratória, que utiliza de referências bibliográficas para embasamento. Essas foram coletadas mediante publicações em livros, artigos, dissertações, teses, jornais, revistas e recursos audiovisuais (GIL, 2008). Foi utilizada a ferramenta de análise de conteúdo de Bardin (2002) para identificar categorias que tangibilizam aspectos teóricos do desenvolvimento infantil aplicáveis aos ambientes. A partir disso, foram elaborados painéis semânticos, que, segundo Pazmino (2015), consistem em uma ferramenta visual a fim de transmitir a essência desses conceitos.

2 Desenvolvimento

2.1 A ambiência no processo do desenvolvimento infantil

Ao pesquisar a palavra ambiência no dicionário Michaelis encontra-se “Conjunto de condições morais, intelectuais ou sociais que cercam uma pessoa e que podem influenciar sua vida.”¹ Já a ambiência na saúde, como considera a cartilha nacional do SUS (Sistema Único de Saúde), diz ser “o espaço físico, social, profissional e de relações interpessoais que deve estar em sintonia com um projeto de saúde voltado para a atenção acolhedora, resolutiva e humana.” (BRASIL, 2010, p.5). Portanto, percebe-se a importância da humanização dos espaços quando se considera a aplicação deste conceito à saúde.

Thibaud (2018) diz que o conceito de ambiência “[...] não se trata apenas de perceber uma paisagem ou de apreender visualmente um ambiente, mas de experienciar o conjunto de situações.” (THIBAUD, 2018, p. 13). Para se qualificar a ambiência, o autor explica que é preciso um conjunto de fatores e que para isso a qualificação se dá em um único aspecto que pode ser considerado bom ou ruim. Além de avaliar os aspectos tangíveis do ambiente, como as formas, texturas e movimentos, é necessário avaliar também os aspectos intangíveis como as cores, sons, aromas e os sentimentos que cada um aflora a cada pessoa (THIBAUD, 2018). A ambiência, portanto, se dá no conjunto de todos os fatores, que somados resultam em uma experiência e que revelam sentimentos e sensações.

Visto isso, é comum confundir as palavras ambiente e ambiência. Portanto, para conceituar a palavra ambiente, Carvalho, Cavalcante e Nóbrega (2011), apresentam o ambiente como “meio físico concreto em que se vive, natural ou construído, o qual é indissociável das condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas daquele contexto específico.” (CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p. 28).

Além disso, existem também aspectos sociais que devem ser levados em consideração. Esses fatores podem ser compreendidos a partir dos agentes que de alguma forma influenciam o

¹ Conceito sobre ambiência extraído do dicionário Michaelis Virtual. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/amb%C3%Aancia/>>. Acesso no dia 19 de Julho de 2021.

ambiente, como as pessoas, suas relações, a cultura e a época. Para Wallon (1968), as interações com as pessoas e a cultura são importantes fontes de experiências e vínculos que se formam ao longo da vida. Já para a cartilha nacional do SUS (2010), os agentes presentes na concepção dos ambientes têm total responsabilidade e comprometimento no que visa à construção de um contexto mais acolhedor e humanitário.

É importante ressaltar a influência que todos esses aspectos tangíveis, intangíveis e sociais podem causar no desenvolvimento da criança. O modo como percebemos o meio e a sensação que ele transmite está diretamente ligado ao bem-estar físico e emocional, contribuindo para fomentar bons momentos e estimular a evolução da criança (THIBAUD, 2018).

2.1.1 A ambiência na perspectiva social

Partindo do provérbio africano: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, Vygotsky (1991) aponta que a interação com outras pessoas desempenha um papel fundamental na aprendizagem e na formação do indivíduo. Dessa forma, acredita-se que a interação e a forma como se conduz a educação reflete diretamente no comportamento e no desenvolvimento futuro. Destaca-se, portanto, a importância do educar de maneira correta, além, é claro, de um ambiente propício ao estímulo do aprendizado. Assim, entende-se os fatores educadores presentes na vida das crianças, como a família, a cultura, a escola e a sociedade que convivem e participam do seu meio social. Para o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL, 1998, p.23)

Compreende-se, portanto, que a família é a principal e mais importante fonte de influência, responsável por ensinar o respeito, o amor, a solidariedade e a convivência humana (ZICK,

2010). Dessa forma, a família é o primeiro sistema no qual a criança tem contato, pelo qual ela aprende o modo humano de existir, e em quem se espelha para a formação de sua identidade. Isso se dá pelas trocas e conexões estabelecidas desde o nascimento, conexões estas muito importantes na construção de uma boa relação com a criança (SILVA *et al*, 2008).

Nesse sentido, a família tem um papel fundamental ao explorar as conexões e estímulos necessários para um desenvolvimento saudável. É importante a percepção das características próprias de cada criança, ao observar e analisar suas particularidades é possível desempenhar o papel de educador de maneira mais apropriada. Isso porque cada criança possui suas características e seu tempo de desenvolvimento (LÜCKE, 2019). Educar e ensinar uma criança exige do adulto o conhecimento das fases do desenvolvimento infantil, para que possa oferecer estímulos adequados, seja por meio de conversas, das experiências ou das brincadeiras.

Os estímulos são indispensáveis, e cabe à família, em primeiro momento, explorar todos os recursos disponíveis. A construção da afetividade em conjunto com estímulos físicos, sensoriais, emocionais e cognitivos é que fazem um bom desenvolvimento (SCHIAVO, RIBÓ, 2007). Oferecer apoio, autonomia e experiências que envolvam os sentidos também é fundamental. Para isso, é estimulante o contato com formas, texturas, cheiros, sabores e sons, além de construir contextos interessantes para o aprendizado, a fim de criar experiências que possam ser prazerosas e instigantes (LÜCKE, 2019).

Além disso, a criança é fortemente marcada pelo meio social e a família como primeiro contato carrega consigo sua própria cultura, seus valores, hábitos, mitos, formas de sentir e interpretar o mundo (SILVA, *et al*, 2008). Essa cultura na qual a criança nasce, cresce e se desenvolve é determinante para a sua formação. É nessa relação com a cultura que hábitos, crenças e visões de mundo são construídos, visto que, os fatores sociais são condições inerentes à vida e que moldam a pessoa que está inserida no meio. Diante disso, as relações estabelecidas ao longo da vida são importantes para a formação da identidade da criança. Por isso, é essencial que as conexões com pessoas, ambientes, culturas e hábitos sejam estimuladas (NASCIMENTO; ORTH, 2008).

A comunidade é um ponto de apoio importante e essencial para as relações que as crianças devem criar ao longo da vida. O pertencimento a um grupo, a uma religião ou a uma cultura são importantes pelas trocas de conhecimento. Para isso, o ingresso na escola constitui um ponto de transição significativo na vida da criança, haja visto que inúmeras mudanças ocorrem nesse período e é o momento que ela precisa ampliar seu meio social e integrar-se à sociedade (SANTOS; CERDEIRA, 2018).

Portanto, a família, a sociedade e a escola possuem um importante papel na educação infantil, pois oferecem à criança estímulos, valores, conhecimentos e experiências que visam o desenvolvimento do ser humano (LÜCKE, 2019), além de serem fatores essenciais que influenciam o ambiente em que a criança é educada. Com base nisso, observa-se a importância do ambiente familiar e da casa como um local de atuação frente ao desenvolvimento infantil.

2.2 Uma breve contextualização da casa, do lar e seus impactos na pandemia

Uma casa é um espaço delimitado, construído e destinado à moradia. Já um lar tem significado e uma história que o faz pertencente ao espaço, humaniza, dá sentido, acolhimento e segurança (BOSCO, 2017). Diante disso, a construção de um “Lar” vai muito além das paredes, móveis e teto. Para Bachelard (1978) a casa é colocada como um espaço de sonhos, que abriga as lembranças, integra os pensamentos e se configura como o centro de felicidade. Já o teórico Yi-Fu Tuan, traz em seus estudos, temas relacionados ao espaço e lugar, no qual, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.” (TUAN, 1983, p. 151).

Mas, para conduzir e construir todos esses significados e sentidos, é necessário um ser pertencente a este espaço. A construção dessa perspectiva tem como uma das suas matérias primas o desenvolvimento das memórias. Cada um carrega consigo um conjunto de referências, reunidas com o passar do tempo e com isso, atribui diferentes sentidos e valores aos ambientes (AZEVEDO, 2021). Portanto, pode-se afirmar que a casa se torna “lar” no momento em que existem pessoas que fazem com que ela tenha valor e significado.

Nesse sentido, a casa se torna mais que um simples abrigo, ela toma para si diversos papéis e sentidos. Ela busca abrigar, além das pessoas, seus momentos, criando lembranças e acolhendo sentimentos. Os espaços também podem adquirir novas identidades e perspectivas,

visto que, o que era uma casa, hoje pode se tornar uma escola ou um café, e onde um dia foi um quarto pode se tornar um escritório de *home-office*. A casa pode se moldar de acordo com circunstâncias, necessidades ou momentos que as influenciam (AZEVEDO, 2021). Nessa perspectiva, ao longo da história, a sociedade e o modo como se enxerga as casas é marcado por diversos acontecimentos que construíram o que hoje temos como padrão e que tem um impacto direto no modo de vida das pessoas (CUNHA, 2020).

No cenário atual, vive-se uma pandemia que surgiu em dezembro de 2019, onde um paciente foi diagnosticado com um vírus denominado Covid-19 (BRASIL, 2021a). Esse vírus se manifestou inicialmente em Wuhan, China, causando inflamações respiratórias graves, logo, o número de infectados começa a aumentar rapidamente, levando a acreditar que o vírus seria altamente contagioso (GRUBER, 2020).

Dentro de poucos meses, em todo o mundo surgem diagnósticos do Covid-19 e é decretado uma pandemia mundial. Com isso, várias condutas foram tomadas em uma tentativa de conter as contaminações (BRASIL, 2021b). O uso de máscaras obrigatórias, a constante divulgação de informações sobre higienização das mãos e ambientes, além do isolamento social, que foi uma alternativa encontrada para evitar a disseminação do vírus e que levou a uma mudança mundial de comportamentos (TAVARES; SILVA; COSTA, 2020).² Nesse momento, o modo de viver, o modo de trabalhar e de se relacionar com as pessoas tentam se ajustar ao presente. Videochamadas, home office e aplicativos de vendas e entregas se moldam de acordo com as necessidades (SILVA; MARCÍLIO, 2020).

A pandemia impactou as pessoas tanto fisicamente, quanto emocionalmente, além de afetar os relacionamentos e o modo de viver, em um contexto de incertezas e inseguranças. Nesse contexto, o olhar referente a casa ganha uma nova perspectiva. Em consequência do isolamento, as pessoas começam a perceber a importância do lar e como ele influencia seu modo de viver e interfere na sua saúde mental e física (SILVA; FREITAS; CRUZ, 2020). A casa se

² BRASIL. Ingrid Figueiredo. Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. **Como lidar com o estresse do isolamento social? Confira este guia!** Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/62-estresse-do-isolamento-social>. Acesso em: 26 out. 2021.

torna mais que um abrigo, é um plano de fundo para os sentimentos, sejam eles: tristeza, alegria, medo, ou mesmo memórias, momentos e lembranças (SILVA; MARCÍLIO, 2020).

Nessa perspectiva, é possível considerar que a criança comprehende e interpreta os ambientes da mesma maneira. A construção desse vínculo com o lar começa desde o berço ao estabelecer interações afetivas que são importantes para o desenvolvimento. Bachelard, ao citar William Goyen, enfatiza isso:

Pensar que possamos vir ao mundo num lugar que a princípio não saberíamos nem mesmo nomear, que vejamos pela primeira vez, e que, nesse lugar anônimo, desconhecido, possamos crescer, andar até que conheçamos seu nome, pronunciando-o com amor, que o chamemos de lar, em que afundemos nossas raízes, onde abriguemos nossos amores, ainda que, cada vez que falarmos dele, o façamos como se fôssemos amantes, em cantos de nostalgia, em poemas transbordantes de desejo. (GOYEN, [S.D] *apud* BACHELARD, 1978, p. 234)

A casa e as pessoas que compõem esse ambiente é o primeiro núcleo social em que a criança é pertencente. A primeiríssima infância, caracterizada por crianças de 0 a 3 anos, (BRASIL, Lei nº 13.257) é a fase em que a grande maioria passa a maior parte do tempo em casa. “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo” (Bachelard, 1978, p.200). Nesse sentido, a percepção desse ambiente tem uma grande importância ao influenciar o desenvolvimento das crianças, isso porque é também nessa fase que o processo intelectual, físico e cognitivo está em pleno desenvolvimento (HANK, 2006).

Em seus primeiros anos de vida, a criança tem a casa como seu principal meio para se desenvolver, ela reconhece seu lar como um mundo de imaginação, um local de inúmeras possibilidades para brincar, inventar e explorar, além de criar relações importantes para toda a vida. Esse ambiente deve ser pensado de modo a estimular o desenvolvimento da criança, acolhê-la num ambiente seguro, que ela se sinta amada e pertencente (TAVARES; SILVA; COSTA, 2020). É a partir desse ambiente estruturado e bem desenvolvido que a criança se prepara para passar pelo processo de crescimento e amadurecimento. Esse processo vai do berço à convivência em sociedade, incluindo vizinhança e escola.

Mas quando essa expansão natural não acontece, por causa de uma pandemia ou por vários outros motivos, a casa toma para si o papel de ser conectora desse mundo. Aquele ambiente agora precisa se tornar uma sala de aula, uma brinquedoteca, um parquinho ou pracinha. Nesse sentido, os espaços começam a ter vários significados, que nos faz refletir sobre como ele deve ser organizado de modo a atender as necessidades dos moradores (SILVA; MARCÍLIO, 2020). Nesse momento, a multiplicidade da casa é intensificada, ela precisa ser funcional a fim de solucionar às várias demandas e se adaptar às situações que não existiam e que agora passam a ser uma realidade (TAVARES; SILVA; COSTA, 2020).

Nessa perspectiva, as crianças precisam de uma atenção maior, além da construção de um ambiente acolhedor e planejado. Ao pensar em aspectos que são importantes na concepção do espaço, destacam-se o sentimento de pertencimento e apropriação daquele ambiente. O desenvolvimento de valores atrelados aos sentimentos, identidade cultural e ética são fundamentais na construção desses conceitos (SILVA, 2018). Dessa forma, a maneira como o espaço é pensado e preparado para a criança deve levar em consideração sua individualidade, personalidade e autonomia. A brincadeira se torna o meio pelo qual a criança cria interações e vínculos com o espaço, se apropria do ambiente e com isso, aprende, explora e se desenvolve (SILVA, 2020).

Dessa forma, observa-se diversos mecanismos capazes de incentivar o desenvolvimento da criança que podem ser executados em momentos e espaços simples da casa. Esses espaços devem ser atraentes, estimulantes e com propostas diversificadas, que possibilitem à criança explorar o meio, exercitar sua autonomia e suas habilidades (LÜCKE, 2019). O lar é um importante influenciador e deve ser trabalhado pensando em maneiras de utilizá-lo. No atual cenário de pandemia, os cuidados necessários em perceber a fluidez do desenvolvimento infantil devem ser redobrados, pelo fato do processo de desenvolvimento infantil ter sido influenciado. Mas, por outro lado, esse momento pode ser bem aproveitado, pelo maior tempo de convivência dos pais em casa, onde podem explorar recursos que favorecem o desenvolvimento da criança e também fortalecer seus laços afetivos.

2.3 Design emocional e sensorial aplicado ao estudo de ambientes facilitadores do desenvolvimento infantil

É possível compreender o design como uma atividade que tem por objetivo a resolução de problema que considera o homem no centro do processo. Para isso, se leva em conta aspectos sociais, culturais, históricos, além de fatores ergonômicos, funcionais e estéticos, com o intuito de alcançar resultados esperados (BAHIA *et al.*, 2016).

Desta forma, Abreu *et al* (2020, p. 74) apontam que a razão central do design reside no ser humano, sendo toda ação de design motivada pela busca da percepção sobre as necessidades funcionais, estéticas e significativas do indivíduo ou mesmo de um grupo social. Corroborando com essa vertente, Papanek (1984) reflete sobre o real sentido do design que consiste na proximidade com as demandas reais da sociedade. Se o humano está no centro da ação de design, faz-se necessário considerar o aspecto emocional no processo de compreensão do problema de design.

Nesse sentido, Donald Norman aborda o design emocional dividindo em três as fases da relação homem/objetos. A fase visceral, onde o primeiro impacto visual determina a sensação que aquele objeto proporciona. A segunda fase seria o design comportamental, no qual a utilidade desse produto vai torná-lo mais atraente ou não. E por último, a fase do design reflexivo, que está ligado às emoções e significados que aquilo possui para determinada pessoa e seu valor sentimental e simbólico (NORMAN, 2008). A partir dessas concepções, é possível aplicar esses conhecimentos não apenas a objetos, mas a ambientes construídos e preparados para uma criança.

Ao entender a importância exercida pelo ambiente no desenvolvimento infantil, é possível perceber como ele é um agente presente e como influencia a vida social, cultural e moral da criança (NASCIMENTO; ORTH, 2008). Os ambientes devem atender cinco funções principais que se associam ao desenvolvimento da criança: a promoção da identidade pessoal, seu desenvolvimento de competências, oportunidade de crescimento, sensação de segurança e confiança, além de oportunizar o contato social (HANK, 2006).

Desde seu primeiro contato com o mundo exterior, o espaço ao seu redor sempre foi o meio em que a criança estabelece relação com as pessoas e nele se desenvolve. O ambiente se torna essencial, exercendo um papel contínuo na educação da criança. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil: “as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem.” (1998, p. 21-22). Mais do que isso, o ambiente é o meio pelo qual se recebe todo tipo de estímulo, tanto visual, auditivo, olfativo ou táteis. É nele que o indivíduo se conecta ao mundo e é por ele que as crianças buscam interação, conhecimento e aprendizado (LÜCKE, 2019). A partir disso, entende-se a importância das atividades sensoriais durante a fase da infância.

Ao estudar o ambiente, estamos diante de um processo que vai muito além das dimensões físicas, então, deve-se atentar ao lado emocional que isso abrange. Quando o bebê nasce, seu primeiro contato é com o colo da mãe. São as primeiras sensações vivenciadas, a primeira textura, o primeiro cheiro, o primeiro sabor do leite materno. Diante disso, a relação estabelecida entre mãe e bebê é construída mediante vários aspectos e o colo é seu primeiro ambiente seguro e confortável (ROSA *et al.*, 2008). Ao longo do desenvolvimento da criança, o papel que o ambiente representa em sua vida também se transforma. Com seu crescimento, os espaços de convívio vão acompanhando sua evolução e também vão mudando, ao explorar novos horizontes e conhecer novos lugares. E é a partir daí que se abre um leque de possibilidades que garantem a evolução pessoal, de suas relações e seus conhecimentos (ZICK, 2010).

É na fase da infância que a criança desenvolve sua personalidade e conhecimentos. Por isso, ela carece de estímulos adequados. Ela precisa de espaço que ofereça liberdade, segurança e que proporcione interação com as pessoas e com o mundo. Isso está diretamente ligado a maneira como ela aprende e se comporta. Para isso, ela utiliza de meios ao seu alcance para buscar estímulos (HANK, 2006). Para a criança se sentir parte daquele ambiente, é essencial que ele remeta à sua história, seus interesses e suas preferências. Ao encontrar um ambiente acolhedor e que lhes garanta segurança e liberdade, a criança está mais predisposta a novas experiências, aprendizagens e a desenvolver sua curiosidade de explorar o meio (CASTRO, 2017). Desse modo, a criança se dispõe de uma gama de experiências e atividades que as

levam a se apropriar do espaço, consequentemente criam contextos que facilitam sua aprendizagem de maneira mais prazerosa.

A criatividade é a melhor aliada do desenvolvimento infantil, por isso, acredita-se na relevância de tornar o ambiente dinâmico, acessível e rico em estímulos (GONÇALVES; MATTOS, 2017). Segundo Horn (2004, p. 15) “O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos interagem com eles são reveladores de uma concepção pedagógica”. O papel do educador é muito importante nesse processo, visto que o olhar acerca do ambiente pode proporcionar experiências enriquecedoras para as crianças.

Oferecer um lugar acolhedor e rico em estímulos, que proporcione às crianças o livre brincar, e a criatividade, se torna uma prioridade nessa fase. Para isso, deve-se propor desafios cognitivos, sociais e motores que a farão avançar no desenvolvimento de suas potencialidades (HANK, 2006). Nesse sentido, Thibaud (2018) caracteriza como aspectos intangíveis os estímulos advindos dos sentidos que proporcionam sensações, experiências e constroem uma ambiência propícia em desenvolver aspectos importantes na primeira infância. Logo, é importante trabalhar o ambiente de forma a promover as sensações, aguçar os sentidos e despertar na criança a curiosidade de perceber as várias perspectivas que o mundo pode oferecer. Segundo Hank (2006), o ambiente deve oportunizar que a criança crie situações e experiências que envolvam os sentidos. Ter acesso a sons diferentes, a aromas e as cores, que, conjuntamente, geram efeitos significativos no desenvolvimento da criança.

Já os aspectos físicos se caracterizam pelos objetos dispostos pelo ambiente, pelas texturas e o conjunto construído a partir disso. O ambiente deve estimular a criança a correr, pular, subir e a sentir diversas texturas, possibilitando assim o desenvolvimento de suas habilidades (HANK, 2006). Schmitz (2015) ao refletir sobre os elementos comunicativos do ambiente, menciona Horn (2004, p.18) que afirma sobre: “a harmonia das cores, as luzes, o equilíbrio entre móveis e objetos, a própria decoração [...], tudo isso influenciará na sensibilidade estética das crianças, ao mesmo tempo em que permitirá que elas apropriem dos objetos da cultura na qual estão inseridas.”

Para HANK (2006) o ambiente deve estimular as interações sociais e o contato com objetos que despertem o interesse pela fala e que de alguma forma possam interagir com outras pessoas. Para isso, os livros e brinquedos interativos e que estimulam a brincadeira em grupos são importantes para que possam assim: criar, trocar saberes, imaginar, construir e principalmente brincar.

Além disso, é relevante ser abordado a natureza como fator necessário para o aprendizado da criança. É importante que ela tenha contato com esse universo vivo, e a percepção de que nada é igual a nada, poder sentir todas as texturas, cheiros, sons e poder ensiná-las o respeito ao nosso bem mais precioso.³ Segundo os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006, p.26):

A interação com o ambiente natural estimula a curiosidade e a criatividade. Sempre que for possível, deve-se prover um cuidado especial com o tratamento paisagístico, que inclui não só o aproveitamento da vegetação, mas também os diferentes tipos de recobrimento do solo, como areia, grama, terra e caminhos pavimentados.

Portanto, ao compreender a importância que o ambiente representa no desenvolvimento do indivíduo, e que, ao interagir com o meio e com as pessoas ao seu redor as crianças compreendem o mundo e aprendem pelas próprias interações, entende-se que a forma como esse ambiente é pensado e organizado interfere diretamente na aprendizagem da criança. Esse espaço deve ser desafiador, instigante, aconchegante e promover atividades que encorajem a criança a explorá-lo da melhor forma (HORN, 2004), além de oferecer todos os meios e estímulos que um ambiente pode proporcionar, possibilitando à criança brincar, imaginar, criar e explorar, superando seus limites e instigando seu desenvolvimento.

Dessa forma, as crianças estabelecem relações afetivas com objetos e espaço. Portanto, é possível projetar ambientes pensando nas sensações e experiências, desencadeando sentimentos positivos que despertam a curiosidade e torna a aprendizagem mais prazerosa, desenvolvendo melhor suas habilidades. O design emocional tem como foco a compreensão do papel das emoções e busca um maior envolvimento entre profissionais e usuários,

³ Texto referenciado pelo documentário disponível pela Netflix “O Começo da Vida”. Com direção de Estela Renner. Produzido por Maria Farinha Filmes. 2016

analisando o dia a dia, as dores e desejos a fim de despertar ou evitar determinada experiência emocional. Para Tonetto e Costa (2011, p. 140) “é impossível projetar significados sem compreender a cultura na qual estão inseridos e, portanto, quais os elementos constitutivos da percepção desses significados”.

Visto que os ambientes oferecem estímulos que despertam diferentes sensações nos indivíduos, o Design Sensorial busca desfrutar de todas essas sensações, a fim de enriquecer as experiências que esse ambiente pode proporcionar (CEREZA; TISSIANI, 2015). Para Tuan (1983, p. 203) “É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, [...]. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos.”

Além disso, a Psicologia Ambiental propõe um estudo sobre a interação pessoa-ambiente, na qual se analisa o modo de agir das pessoas em determinado ambiente e em como esse espaço pode contribuir para as emoções e seus comportamentos (CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p. 28). Mesmo que inconsciente, o indivíduo percebe as sensações transmitidas pelo ambiente. Pensando nisso, esse espaço pode ser planejado para que os usuários interajam e criem sensações específicas a partir de cores, texturas, iluminação e acabamentos (BRAIDA; NOJIMA, 2008).

As cores são um dos mecanismos possíveis de se utilizar a fim de trazer sensações. Para Cereza e Tissiani (2015), a cor atua como estímulo que pode influenciar o humor, a satisfação e a motivação individual. Porém, nem sempre elas possuem um significado universal. Fatores externos devem ser levados em consideração ao analisar suas percepções. Contextos como, experiências passadas, religião, cultura, preferências pessoais e o conjunto de todo o ambiente são fatores que influenciam nessa percepção (RODRIGUES, 2019).

Dessa forma, ao entender a importância e o impacto que as cores podem ter na vida das pessoas, a utilização dessa fonte pode ser benéfica ao influenciar positivamente o desenvolvimento das crianças. Elas costumam preferir cores saturadas, simples e primitivas, como o amarelo, vermelho e azul (RODRIGUES, 2019). Já os bebês, por estarem num processo de desenvolvimento da visão, adoram objetos cheios de contrastes. Eles percebem muito mais

o claro e o escuro, por isso, estampas com cores fortes e fundo claro, ou vice-versa, são interessantes de se explorar.

Além disso, a disposição dos objetos, móveis e a circulação são elementos importantes que devem ser pensados. É por meio do layout que poderá organizar as informações e definir o uso daquele espaço, podendo levar a criança a aproveitar melhor todo o ambiente e as sensações que ele pode proporcionar (CEREZA; TISSIANI, 2015).

Visto que o brincar e a ludicidade caminham juntos com o desenvolvimento infantil, o design emocional e sensorial deve desfrutar desses aspectos a seu favor. Dessa forma, os profissionais podem utilizar de formas, texturas, dimensões, volumes, objetos, sons e sensações que em harmonia criam espaços que contribuem para seu bem-estar (CEREZA; TISSIANI, 2015). Sobre o design sensorial, Braida e Nojima (2008, p. 226), afirmam que é um “[...] projeto para ser percebido pelo corpo de forma holística, uma vez que não percebemos os estímulos separadamente, mas sim em conjunto. O design sensorial volta-se para o projeto dos objetos que despertem os sentidos.”

3 Resultados

A partir da ferramenta análise de conteúdo de Bardin (2002) foram selecionadas palavras, que puderam tangibilizar em categorias de análise, os conceitos que circuncidam e se relacionam com o desenvolvimento infantil, aplicados a composição de ambientes. Com base nisso, foram desenvolvidos painéis semânticos, que segundo Pazmino (2015), buscam, mediante referências visuais, caracterizar as emoções, estilo de vida e traduzir a essência do que se pretende passar ao leitor.

Esse recurso foi utilizado no sentido de criar representações da realidade mediante práticas do dia a dia. Tendo em vista a limitação do contexto pandêmico, foi impossibilitada a realização de pesquisas em campo e levantamentos fotográficos *in loco*. Por isso, optou-se pelo uso de bancos de imagens, para ilustrar as categorias analisadas.

Categoria 1: Apropriação

A construção de um ambiente aconchegante e seguro oferece liberdade à criança em brincar e se divertir, enquanto é estimulada em aspectos do seu desenvolvimento. Nesse momento, é importante que ela se sinta livre e à vontade em bagunçar, esparramar, descobrir e sentir cada ambiente, sensação e estímulo que aquilo pode lhe oferecer (HANK, 2006). Nessa fase, é impossível não perceber que existe uma criança por ali. As imagens da Figura 1 representam bem esse cenário. Ela passa pelo ambiente deixando sua marca, um brinquedo colorido, um pedaço de biscoito ou uma mãozinha no espelho. Essas marcas são importantes na construção da sua identidade, individualidade e reconhecimento do seu lar.

Figura 1: A apropriação do espaço



Fonte: PINTEREST⁴, 2021

Categoria 2: Inclusão

Para as crianças, a compreensão da realidade acontece de uma forma diferente. A articulação desses momentos alinhados com a ludicidade e o brincar se torna a maneira mais eficiente de

⁴ Painéis semânticos construídos a partir de imagens do PINTEREST. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/>> Acesso no dia 10 de nov, 2021. Detalhamento das fontes: consultar referências bibliográficas

incluir-la nesses cenários (CASTRO, 2017). A cozinha é um ambiente relativamente complexo, pode se dizer até perigoso e de difícil inclusão da criança. Mas em contrapartida, é um ambiente de muito potencial de estímulo ao seu desenvolvimento. Nesse sentido, pode-se utilizar de recursos para incluí-las nesse ambiente e as brincadeiras são um dos principais aliados nesse processo (HANK, 2006). Visto que as crianças aprendem através do brincar, cabe aos adultos encorajá-las a participar, criar, aprender e experimentar de uma forma atraente, mas sempre segura (SCHIAVO, RIBÓ, 2007). Mini cozinhas infantis são um exemplo que pode ser explorado, de forma que a criança imite as atividades exercidas pelos pais. Assim, se sentirão pertencentes àquele ambiente e à vontade para desenvolver suas habilidades, além de serem mecanismos de aproximação das relações. O método Montessori traz, em suas percepções, móveis que propõe facilitar as atividades possíveis de se exercer com as crianças. É o caso das torres Montessori, onde a criança tem total acesso aos objetos que costumam ser altos, de uma forma segura e interessante, conforme pode ser observado na Figura 2.

Figura 2: Inclusão



Fonte: PINTEREST, 2021

Categoria 3: Imaginação

A lúdicode e o imaginar caminham juntos. "A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz." (BACHELARD, 1978, p. 201). O lúdico é uma

forma de comunicação na qual se estimula a criatividade, a imaginação, aguçá os sentidos e promove o aprendizado. Dessa forma, possibilita à criança criar suas próprias ideias e brincadeiras, despertando o desejo de aprender (NASCIMENTO, 2020). Para estimular a ludicidade e a imaginação, alguns objetos e brinquedos podem ser dispostos em casa, como fantasias, bichinhos, bonecas e carrinhos, livros, jogos, garrafas pet, latas e vasilhas. São objetos que despertam o interesse e a curiosidade da criança, fazendo com que ela crie formas de brincar e se relacionar com o brinquedo (SCHIAVO, RIBÓ, 2007). Além disso, incentivar as brincadeiras de faz de conta, criando histórias e situações, as brincadeiras de locomoção como a dança e circuitos, atividades artesanais, como pintar, desenhar, modelar e várias outras. A paixão pelo brincar e pelo imaginar ficam nítidos quando observamos a Figura 3. Todas essas atividades visam a interação com a criança com o aprendizado e seu desenvolvimento, tanto físico, sensorial, afetivo e cognitivo (NASCIMENTO, 2020).

Figura 3: Estímulo à imaginação



Fonte: PINTEREST, 2021

Categoria 4: Identidade

A liberdade de se expressar reflete na personalidade e independência da criança. A segurança transmitida pelos cuidadores, e a compreensão da necessidade de desenvolver a identidade

dos pequenos é um fator que deve ser explorado e compreendido pelos adultos (CASTRO, 2017). A primeira maneira que a criança aprende a se comunicar é através das expressões corporais, o grande desafio surge do saber lidar e interpretar essas manifestações. As crianças sempre buscam formas de expressar suas vontades, seus gostos pessoais e sua personalidade, seja através de ações, palavras, desenhos e pinturas (ROCHA, 2008). Nesse momento é importante dar espaço e liberdade para que ela expresse seus sentimentos, abrindo caminhos também para o aprendizado sobre as artes. Momentos desses representados pela Figura 4.

Figura 4: Liberdade de expressão



Fonte: PINTEREST, 2021

Categoria 5: Autonomia

Todos esses mecanismos, de apropriação, inclusão, liberdade de expressão e identidade, levam à construção da autonomia, fundamental no processo de desenvolvimento da criança. A criação da autonomia é a resposta obtida depois de todo o processo de desenvolvimento saudável da criança (ZAGO, 2009). O principal método que leva a criança a ser independente são os ambientes planejados de forma que ela execute tarefas sem precisar da ajuda de outras pessoas. Nesse caso, camas Montessori possibilitam a criança descer e subir quando quiser, sem perigos de cair e se machucar, mesas, bancadas e armários baixos que facilitem a

execução de atividades simples do dia a dia, ou escadas e banquinhos que facilitem a utilização de algo que não está ao seu alcance. Objetos esses representados na Figura 5.

Figura 5: Autonomia



Fonte: PINTEREST, 2021

O ambiente é o principal meio de estímulo ao desenvolvimento, como pode ser observado nos painéis semânticos apresentados. Nesse sentido, o ambiente pode ser planejado com a intenção de contribuir para a aprendizagem da criança. O espaço deve comunicar aspectos como: segurança, liberdade e aconchego.

A partir do levantamento das figuras, foi possível observar que o mobiliário tem um impacto relevante no ambiente e deve ser planejado conforme o dimensionamento antropométrico da criança, visto que é fundamental sua inclusão nas atividades cotidianas. Além disso, os estímulos são essenciais durante a primeira infância e se fazem a partir de objetos, brinquedos, móveis, texturas, cores, formas e disposições que incentivem a criança a descobrir o ambiente.

4 Considerações Finais

Entende-se que o processo de criação de uma ambiência favorável à promoção do desenvolvimento infantil depende tanto de aspectos sociais, quanto de aspectos tangíveis e intangíveis presentes no contexto. No entendimento de aspectos sociais, discute-se o papel dos cuidadores presentes na vida da criança, que compreendem a família, a sociedade e a escola, que possuem influência direta sobre a criança e o ambiente em que estão inseridos. Observa-se, portanto, que todos esses atores são importantes, nesse processo, por colaborarem com o desenvolvimento da criança ao influenciar seu aprendizado e garantir um ambiente adequado e rico em estímulos. Nesse sentido, o ambiente possui um papel fundamental de facilitar os diferentes processos dos atores nele inseridos.

A criança utiliza do ambiente para se desenvolver, se relacionar e se divertir. A discussão acerca dos aspectos tangíveis e intangíveis que compõem esse ambiente é muito importante, visto que são fatores determinantes para a construção de uma ambiência propícia ao desenvolvimento infantil. Nesse sentido, os aspectos sensoriais têm papel central na percepção da criança com relação à mensagem que o ambiente é capaz de transmitir. Ao estimular a visão, o tato, o olfato, paladar e os aspectos sonoros, estamos proporcionando sensações e experiências que serão benéficas no desenvolvimento físico, sensorial, afetivo e cognitivo da criança.

O espaço ideal não é só aquele em que tudo foi pensado e planejado para a criança. São aqueles ambientes em que a criança se faz presente e em que elas terão acesso a diferentes estímulos para seu desenvolvimento. No contexto residencial, as áreas comuns, como sala de estar, cozinha e banheiro, são ambientes ricos e que devem ser explorados. A maneira como a criança se apropria desses espaços é importante, pois, receberá estímulos que a farão se aproximar da realidade e das pessoas que a rodeia.

Nesse sentido, a percepção dos ambientes como fatores essenciais na promoção do bem-estar pessoal sempre foi uma questão muito abordada, porém, com as circunstâncias da pandemia do COVID19, essa demanda foi evidenciada. A partir disso, é inevitável pensar a organização dos espaços sem levar em conta essa mudança mundial de comportamentos. E ainda mais necessário quando falamos de crianças e da casa que é um espaço tão importante para o desenvolvimento.

A pesquisa não esgota as possibilidades de análise, mas demonstra relevância, visto que, foi possível identificar e compreender o papel da casa na construção de ambientes que favoreça o desenvolvimento infantil. A partir disso, pôde-se contribuir com informações que levaram a compreensão do papel do design e da sua responsabilidade ao criar ambientes voltados para o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, foi possível identificar no design sensorial e no design emocional, referenciais que consideram as sensações que o ambiente comunica ao usuário. A partir desses referenciais, é possível que o designer planeje ambientes que proporcionem às crianças experiências enriquecedoras de aprendizado e desenvolvimento.

Referências

- ABREU, S. M. B. M. de; PESSOA, S. S. M. V.; OLIVEIRA, A. C. C. Reflexões sobre o processo projetual do ambiente. In: **Design de ambientes em pauta**. Volume 01 / Edson José Carpintero Rezende (organizador) – Curitiba: CRV, 2020. 154 p.
- AZEVEDO, Rebeca da Rocha. **O Lar como lugar**: Visitando a relação lar-lugar durante o período de isolamento. 2021. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.
- BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BAHIA, Isabella Pontello et al. Prática Projetual em Design de Ambientes: relato de experiência sobre a inserção da metodologia aplicada à complexidade. **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 1-13, out. 2016. Anual.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2002.
- BOSCO, Francisco. **O que é um lar**. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/francisco-bosco-o-que-e-um-lar/>. Acesso em: 27 out. 2021.
- BRAIDA, F.; NOJIMA, V. L. **Design para os sentidos e o insólito mundo da sinestesia**. PUC-Rio, 2008.
- BRASIL. GOVERNO FEDERAL. . **O que é a Covid-19**. 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 24 out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Governo Federal. **Painel de casos de doenças pelo coronavírus**. 2021b. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 out. 2021.
- BRASIL, Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. **Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm> Acesso em 21 de junho de 2021.
- BRASIL, **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Cartilha da PNH – Ambiência**. 2. ed. Brasília: Editora Ms, 2010.

BRASIL. Parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil. Brasília: MEC, 2006.

CARVALHO, Mara Ignez; CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Ambiente. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. São Paulo: Editora Vozes, 2011. p. 28-43.

CASTRO, Miguel. Apropriação do Espaço pelas Crianças nos Jardins-de-Infância. **Revista Multimédia de Investigação em Educação**, ., v. 2, n. 1, p. 1-11, jan. 2017. Disponível em: <<http://sensos-e.ese.ipp.pt/?p=8726&lang=es>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

CEREZA, Suéli; TISSIANI, Karina. DESIGN SENSORIAL: o que esperar? sala de espera para consultório odontológico infantil. **Unoesc & Ciência**: ACET, Joaçaba, v. 1, n. 1, p. 37-44, jun. 2015. Edição Especial.

CUNHA, Ana Karoline Tavares da. **Cidades Pós Pandemia**. 2020. 23 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Alessa Villas Bôas Braga; MATTOS, Lara Merino de. GONÇALVES, MATTOS. **O espaço como provedor do desenvolvimento da infância**. 2017. 6 f. - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

GRUBER, Arthur (São Paulo). Jornal da Usp. **Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença**. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>. Acesso em: 24 out. 2021.

HANK, Vera Lucia Costa et al. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. 2006. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>>. Acesso em: 24 de maio de 2021.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LACY, Marie Louise. **O poder das cores no equilíbrio dos ambientes**. São Paulo: Pensamento, 2007.

LÜCKE, Neiva Cristiane Flores Sott. A importância do estímulo no desenvolvimento da criança. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 06, Vol. 12, pp. 33-44. Junho de 2019. ISSN: 2448-0959

NASCIMENTO, Greicimára S. do; ORTH, Mara Rúbia Bispo. **A influência dos fatores ambientais no desenvolvimento infantil**. 2008. 15 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Uri Campus de Erechim, 2008.

NASCIMENTO, Larissa Freire de Avelar. **A importância da ludicidade no desenvolvimento infantil**. 2020. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, Araruna, 2020.

NORMAN, D. A. **Design emocional**: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PAPANEK, V. **Design for the real world**. 2. ed. Chicago: Academy Chicago Publishers, 1984.

PAZMINO, Ana Veronica. Painel Semântico do Público-Alvo. In: PAZMINO, Ana Veronica. **Como se cria: 40 métodos para design de produtos.** São Paulo: Blucher, 2015. p. 104-113.

ROCHA, Mariana Roncarati de Souza. **Liberdade de expressão na creche:** um caminho para o diálogo entre o adulto e a criança. 2008. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de E Especialização em Educação Infantil, Puc-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, Ana Raquel Ferreira Cardoso. **A influência da cor nas emoções das crianças com base em filmes de animação da Pixar.** 2019. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Multimédia, Cultura e Artes, Universidade do Porto, Porto, 2019.

ROSA, Rosiane da et al. **Mãe e filho:** os primeiros laços de aproximação. 2008. - Curso de Enfermagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/BJW3LfQGmSSS6nhCtdSLFwz/?lang=pt>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SANTOS, Ananda Ribeiro dos; CERDEIRA, Valda Aparecida Antunes. **A importância da comunidade no contexto educacional.** 2018. 7 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias, Itapeva, 2018.

SCHIAVO, Adriana A. N. RIBÓ, Cristiane M. E. **Estimulando Todos os Sentidos de 0 a 6 anos.** Campinas. UNICAMP. 2007.

SCHMITZ, Júlia; SKRSYPCSAK, Daniel. **A organização dos espaços na educação infantil.** 2015. 12 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Fai, Santa Catarina, 2015.

SILVA, Ailma Leanne de Melo; FREITAS, Alexandra Jane de Carvalho; CRUZ, Marcelo Karloni da. Símbolos e ressignificação da casa no enfrentamento da pandemia Covid-19. In: **Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído**, 18., 2020, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: ANTAC, 2020.

SILVA, Amanda Maria Soares. SENTIMENTOS DE PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 16, n. 8, p. 130-141, jul. 2018.

SILVA, Jane Lúcia F. de Souza. O pertencimento da infância no processo de desenvolvimento na educação infantil. In: **CONEDU - VII Congresso Nacional de Educação**, Maceió, 2020. p. 1-11.

SILVA, Marcia Alves Soares da; MARCÍLIO, Bruna Maria Siquinelli. A CASA E O HABITAR: experiências emocionais do isolamento social. **Projectare: revista de arquitetura e urbanismo**, v. 10, n. 10, p. 247-261, dez. 2020.

SILVA, Nancy Capretz Batista da; NUNES, Célia Cristina; BETTI, Michelle Cristine Mazzeto; RIOS, Karyne de Souza Augusto. **Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil.** 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200006>. Acesso em: 02 ago. 2021.

TAVARES, Fabiana Alves; SILVA, Sinelma Teodora; COSTA, Drielle Tainara Silva: **ISOLAMENTO SOCIAL COM CRIANÇAS: UM PERÍODO DE REDESCOBERTA DA FAMÍLIA:** Um artigo original. Anais do 3º Simpósio de TCC, das faculdades FINOM e TecSoma. 2020; 1333-1346

THIBAUD, Jean-Paul. Ambiência. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Psicologia Ambiental:** conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. São Paulo: Editora Vozes, 2018. p. 13-25.

TONETTO, Leandro Miletto; COSTA, Filipe Campelo Xavier da. **Design Emocional:** conceitos, abordagens e perspectivas de pesquisa. Strategic Design Research Journal. v. 3, n. 4, p. 132-140, dez. 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo : DIFEL, 1983.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Livraria Martins FontesEditora Ltda., 1991.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, Lda, 1968.

ZAGO, Izaura Rissoli. **A importância da educação infantil para a construção da autonomia: o ambiente sócio-moral na educação infantil.** 2009. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2009.

ZICK, Greicimára S. N. Os fatores ambientais no desenvolvimento infantil. **Rei - Revista de Educação do Ideau**, Caxias do Sul - RS, v. 5, n. 11, p. 1-18, jan. 2010. Semestral.